

## IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA EPIDEMIOLOGIA DAS INFECÇÕES FÚNGICAS EMERGENTES NO BIOMA CERRADO BRASILEIRO

Kelly Geovanna Soares Costa<sup>1</sup>

Isabela Silva Figueiredo Diniz<sup>2</sup>

Anna Katharinne Carreiro Santiago<sup>3</sup>

As mudanças climáticas associadas ao avanço do desmatamento no bioma Cerrado podem alterar a dinâmica ambiental de fungos patogênicos presentes no solo e em material orgânico, influenciando a ocorrência de micoses sistêmicas em humanos, como Histoplasmose, Coccidioidomicose, Criptococose e Paracoccidioidomicose. Alterações em temperatura, umidade, padrão de precipitação e cobertura vegetal, combinadas a atividades antrópicas, podem aumentar a exposição humana a propágulos fúngicos, modificando os padrões especiais e temporais dessas infecções. Diante desse cenário, este estudo visa descrever por meio de revisão da literatura o impacto das mudanças climáticas na epidemiologia das infecções fúngicas emergentes no bioma cerrado brasileiro. A coleta de dados foi realizada no período de entre agosto e setembro de 2025, a partir da busca de dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde, pelo Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) e por artigos científicos publicados em português na SciELO e PubMed. Foram incluídas publicações dos últimos 15 anos que abordassem especificamente a relação entre micoses sistêmicas e alterações climáticas no bioma Cerrado. Foram excluídos documentos que não discutiam sobre as micoses sistêmicas e aqueles os quais não abordavam o cenário ambiental do bioma cerrado brasileiro. No período de maior prevalência, de 2013 a 2018, foram notificados 684 casos de micoses sistêmicas no Hospital Estadual de Doenças Tropicais Dr. Anuar Auad (HDT) em Goiânia. Desses casos, a histoplasmose foi a mais frequente, representando 45% dos casos, seguida pela paracoccidioidomicose, com 38% e pela criptococose, com 17%. Não houve notificação e casos de coccidioidomicose durante esse período, o que pode ser explicado pelo fato de que o fungo *C. immitis* é encontrado principalmente em áreas desérticas e semiáridas, e não em regiões com alta pluviosidade, como no Centro-Oeste. A distribuição anual mostrou uma média de 38 casos por ano e revelou um aumento de 285% nos casos de criptococose entre 2013 e 2018, enquanto

<sup>1</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES – Campus Trindade. Correio eletrônico: kellygeovanna418@gmail.com

<sup>2</sup> Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES – Campus Trindade

<sup>3</sup> Enfermeira do Hospital das Clínicas da UFG/EBSERH.

os casos de paracoccidiodomicose diminuíram em 65% no mesmo período. A histoplasmosose permaneceu estável em relação ao número médio de casos. As micoses sistêmicas representam infecções fúngicas adquiridas predominantemente pela inalação de conídios, apresentando maior prevalência em populações rurais, em especial entre trabalhadores agrícolas. No bioma Cerrado, o clima caracterizado por temperaturas elevadas e períodos de umidade favorece a proliferação desses agentes, criando um ambiente propício à sua manutenção. Nesse contexto, a intervenção antrópica, sobretudo por meio do desmatamento e da degradação da vegetação nativa, intensifica as alterações climáticas e contribui para o aquecimento global, o que favorece a seleção de fungos termotolerantes, capazes de se adaptar a diferentes nichos, incluindo o organismo humano. Ademais, o clima seco e as mudanças no regime pluviométrico potencializam a dispersão de esporos no ar, ampliando a exposição humana e, conseqüentemente, o risco de infecção.

**Palavras-chave:** Desequilíbrio Ecológico. Infecção Fúngica Disseminada. Meio Ambiente. Saúde Pública.